

Lição 11 - Operações Intelectuais. 'Inteligíveis' Simples e Complexos

TEXTO 430a26-431b4 - LIVRO III, CAPÍTULO VI

OPERAÇÕES INTELECTUAIS

"INTELIGÍVEIS" SIMPLES E COMPLEXOS

A inteligência do que não é complexo está numa esfera onde não pode haver engano. Mas nas matérias onde há falso ou verdadeiro, há também alguma composição de coisas entendidas como de muitas trazidas a uma unidade. Como disse Empédocles: 'Muitas cabeças cresceram sem pescoço', [mas] a concórdia depois as trouxe à unidade; assim, da mesma forma, esses termos disjuntos são combinados, como 'a diagonal' e 'o incomensurável'. Se a composição for de coisas feitas, ou de eventos futuros, o tempo também entra no cálculo, como um dos elementos componentes. A falsidade está sempre numa combinação, como por exemplo quando se reúne 'branco' e um objeto não-branco, ou 'não-branco' com um branco. Todas essas afirmações também podem ser divisões. Não é apenas, então, falso ou verdadeiro que Cleon é branco, mas que este fato foi verdadeiro ou será verdadeiro. É o intelecto que impõe uma unidade em cada caso. §§ 746-751

Assim como o indivisível é duplo, o atual e o potencial, nada impede o intelecto de apreender um indivisível quando apreende uma extensão de comprimento.

Pois este comprimento é realmente indiviso, e é [compreendido] num espaço de tempo indiviso: pois o tempo é dividido ou indiviso como o comprimento. Não é correto dizer que [a mente] entende ambos dividindo ambos ao meio; não há metade, exceto potencialmente, a menos que uma divisão real tenha sido feita. No entanto, ao apreender separadamente cada uma das metades, ela divide também o tempo, que é então [dividido] como o comprimento. Mas se isso é considerado como um todo composto de duas metades, então há algo correspondente a cada uma também no tempo. §§ 752-754

Mas tudo o que não é indivisível quantitativamente, mas especificamente, a mente apreende tanto num instante de tempo quanto por um ato único da alma; incidentalmente, no entanto, [apreende a divisão] não na medida em que o que a mente entende e o tempo em que entende são divisíveis, mas como são indivisíveis; pois há nestes algo indivisível, mas talvez não separável, que dá

unidade ao tempo e à extensão; e isso vale para tudo que é contínuo, seja por tempo ou extensão. §§ 755-756

Um ponto, e qualquer coisa separada e assim incapaz de análise posterior, é mostrado como uma privação. Um princípio semelhante se aplica em outras matérias, como no modo como conhecemos o ar ou a escuridão. Pois de certo modo o conhecimento é por contrariedade; mas a faculdade cognoscente deve estar em potência, e um [dos contrários] estar nela. Mas se há alguma causa que não inclui contrário algum, ela é autocognoscente, e em ato, e separada. §§ 757-759

Agora, toda enunciação, e.g., uma afirmação, é de algo, acerca de algum sujeito; e é sempre ou verdadeira ou falsa. No entanto, nem todo entendimento é assim; o entendimento é verdadeiro acerca do que algo é, no sentido da quiddidade disso; não quanto a todo fato acerca de um sujeito, mas, assim como a visão é sempre verdadeira acerca do seu objeto próprio, contudo não é sempre verdadeira acerca de uma coisa branca ser um homem ou não. Assim se dá com tudo o que é imaterial. §§ 760-763

CAPÍTULO VII

O conhecimento em ato é idêntico à coisa. Mas o que é potencial é anterior no tempo no indivíduo; embora universalmente não seja anterior, nem mesmo no tempo; pois tudo que vem à existência vem de um existente atual. § 764

COMENTÁRIO DE SANTO TOMÁS

LIÇÃO ONZE

§ 746. Tendo chegado a conclusões sobre o intelecto, o filósofo agora examina sua atividade; e isso em duas partes: primeiro, distinguindo duas dessas atividades, e então chegando a conclusões sobre cada uma delas. Primeiro, então, ele diz que o intelecto, por uma de suas atividades, compreende as coisas simplesmente; compreendendo, por exemplo, homem ou boi, ou qualquer coisa desse tipo, simplesmente em si mesma. E essa operação não envolve falsidade, tanto porque os objetos considerados simplesmente em si mesmos não são nem verdadeiros nem falsos, quanto porque, como veremos mais adiante, a mente é infalível com respeito ao que as coisas são em si mesmas.

§ 747. Por outro lado, onde a verdade e a falsidade são encontradas nos próprios objetos inteligíveis, já deve ter havido uma certa composição desses objetos, ou seja, das coisas compreendidas, juntando vários objetos desse tipo. Ele dá como exemplo a teoria de Empédocles de que as coisas se originaram por acaso, não por design; meramente seguindo um processo de divisão e conjunção através da discórdia e do amor, respectivamente. Assim, Empédocles disse que no início muitas cabeças 'cresceram' sem pescoços; e similarmente que muitas outras partes de animais cresceram separadas de outras partes; e ele diz 'cresceram' como se essas coisas brotassem dos elementos, não da semente dos animais, como a grama cresce da terra. Só depois essas partes, assim diferenciadas, juntaram-se em harmonia e formaram o animal único com suas várias partes — cabeça, mãos, pés e assim por diante. E se todas as partes necessárias para a existência do animal estivessem presentes, ele poderia continuar vivendo e geraria sua própria

espécie; mas não se faltasse alguma. Então, assim como o amor (segundo Empédocles) juntou as diferentes partes dos animais e formou delas um animal, também o intelecto é capaz de combinar muitos objetos simples e separados e fazer deles um objeto inteligível. E tais combinações são ora verdadeiras, ora falsas.

§ 748. Elas são verdadeiras quando juntam o que está combinado e unido na realidade, por exemplo, a diagonal e a incomensurabilidade, pois a diagonal de um quadrado é incomensurável com seus lados. E são falsas quando juntam o que não está combinado na realidade, dizendo, por exemplo, que a diagonal de um quadrado é comensurável com seus lados.

§ 749. Ora, a comensurabilidade e a diagonal são às vezes compreendidas separadamente, fazendo dois objetos inteligíveis distintos; mas quando combinadas, fazem um único objeto que a mente compreende em conjunto. Mas, novamente, como os objetos assim combinados são às vezes coisas passadas ou futuras, não presentes, ele acrescenta que quando a mente combina coisas 'feitas' — isto é, passadas — ou coisas vindouras, ela deve incluir a noção de tempo passado ou futuro; e dessa forma, sua combinação se referirá ao passado ou ao futuro.

§ 750. E ele prova isso dizendo que combinações sobre o passado ou o futuro podem ser falsas, e que a falsidade está sempre na própria combinação. Novamente, há falsidade se o não-branco é combinado com o que é branco, como quando se diz que cisnes não são brancos; ou se o branco é combinado com o não-branco, como quando se diz que corvos são brancos. E porque tudo que pode ser afirmado também pode ser negado, ele acrescenta que todas essas combinações poderiam também ter sido divisões.

§ 751. Pois a mente pode sempre separar coisas, seja no presente, passado ou futuro; e pode fazer isso tanto verdadeira quanto falsamente. Claramente, então, uma vez que combinações podem ser feitas com referência ao tempo passado e futuro, bem como ao presente, e uma vez que a verdade e a falsidade são encontradas precisamente em combinações e separações (ou divisões), segue-se que não apenas proposições sobre o presente são verdadeiras ou falsas — por exemplo, que Cléon é branco — mas também proposições sobre o passado ou o futuro — por exemplo, que Cléon era ou será branco. Uma vez que, no entanto, a combinação que faz uma proposição é uma obra da razão e do entendimento, não da natureza, ele acrescenta que o agente de tais proposições, compostas de objetos inteligíveis, é a mente. E uma vez que é nas combinações que a verdade e a falsidade são encontradas, ele pode dizer, no Livro VI da *Metafísica*, que a verdade e a falsidade não estão nas coisas, mas na mente.

§ 752. Em seguida, em "Como o indivisível é duplo", ele chega a conclusões sobre ambas as atividades intelectuais mencionadas: (1) sobre a compreensão de objetos simplesmente em si mesmos; (2) em "Agora, toda enunciação" sobre as combinações e divisões do intelecto; após o que (3) ele afirma algo comum a ambas. A seção (1) divide-se em três partes de acordo com três maneiras de considerar a indivisibilidade — isto é, a unidade que consiste na indivisão.

Primeiramente, uma coisa pode ser una por continuidade; daí o contínuo é chamado de indivisível porque é atualmente indiviso, embora seja potencialmente divisível. Assim, ele diz que, uma vez que algo pode ser divisível potencial ou atualmente, nada impede a mente de pensar em um contínuo ou comprimento como atualmente indivisível. E, ao fazê-lo, seu pensamento também

ocorrerá em um tempo indiviso.

§ 753. Isso é contra a visão de Platão, de que o entendimento das coisas no espaço envolvia uma espécie de movimento contínuo. Na verdade, as coisas espaciais podem ser compreendidas de duas maneiras: ou como potencialmente divisíveis — e assim a mente considera uma seção de uma linha após a outra, e assim compreende o todo em um período de tempo; ou como atualmente indivisíveis — e assim a linha inteira é considerada como uma unidade feita de partes e compreendida simultaneamente. Ele acrescenta, portanto, que, no ato de compreender, ou ambos o tempo e o comprimento são divididos, ou ambos não são divididos.

§ 754. Consequentemente, não se pode dizer que o entendimento envolve dividir ambos pela metade, i.e., que metade de uma linha é compreendida na metade do tempo dado que leva para compreender uma linha inteira. Esse seria o caso se a linha fosse atualmente dividida; mas uma linha, como tal, é apenas potencialmente divisível. Se cada uma de suas metades, no entanto, é compreendida separadamente, então o todo é atualmente dividido mentalmente; e o tempo também é dividido. Mas se a linha é compreendida como uma unidade feita de duas partes, o tempo também será indiviso ou instantâneo — sendo o instante aquilo que persiste em cada parte do tempo. E se a consideração da mente se prolonga no tempo, os instantes não serão separados com respeito a partes distintas da linha compreendidas uma após a outra; mas a linha inteira será compreendida a cada instante.

§ 755. Em seguida, em "Mas tudo que", ele menciona outro tipo de unidade, a saber, aquela que vem de uma coisa ser uma em espécie, embora feita de partes descontínuas, e.g., a unidade de um homem, ou uma casa, ou mesmo de um exército. Isso é uma indivisão específica, não quantitativa; e a alma, ele diz, a compreende pelo que é indiviso na alma e em um ponto de tempo indivisível — não, como Platão pensava, por algo quantitativo no intelecto. E embora a divisão possa estar contida em tais unidades, as partes divididas não são compreendidas — na medida em que o objeto e o tempo do entendimento estão em causa — como divididas, mas como unidas; pois mesmo que haja uma divisão atual em partes, a própria espécie, como tal, é indivisível; e é isso que é compreendido indivisivelmente. Mas se as partes são compreendidas separadamente — e.g., a carne e os ossos e assim por diante — o todo não é compreendido em um tempo indiviso.

§ 756. Então ele aponta em que esse segundo tipo de unidade parece assemelhar-se ao primeiro tipo. Pois, assim como a espécie é algo indivisível unificando as partes de um todo, talvez possa haver algo indivisível em qualquer período de tempo ou comprimento espacial — talvez o ponto ou o instante, ou talvez a própria espécie do comprimento e do tempo. Mas há esta diferença: enquanto o indivisível no contínuo é um e o mesmo em cada contínuo, seja temporal ou espacial, a unidade da espécie difere de uma coisa para outra; pois algumas coisas são feitas de partes homogêneas e outras de partes heterogêneas.

§ 757. Então, em "Um ponto etc.", ele prossegue para mostrar como o terceiro tipo de indivisibilidade, i.e., tudo que parece ser inteiramente uno, como um ponto ou unidade, é compreendido. Um ponto, ele diz, é uma espécie de sinal de divisão entre seções de uma linha, como um instante entre períodos de tempo; e todos esses — sendo, como o ponto, tanto atual quanto potencialmente indivisíveis — são 'mostrados' à mente 'como privação', i.e., como privações do contínuo divisível.

§ 758. A razão é que nossa mente tem que partir dos dados dos sentidos. Os sensíveis, portanto, são as primeiras coisas apreendidas intelectualmente; e todos estes têm alguma magnitude; daí o ponto e a unidade só podem ser definidos negativamente. Pela mesma razão, tudo que transcende os sensíveis que apreendemos é conhecido por nós apenas negativamente. Das substâncias 'separadas', sabemos apenas que são imateriais e incorpóreas e assim por diante.

§ 759. O mesmo ocorre com as coisas conhecidas por oposição, como o mal ou o preto, que são privações de seus opostos; pois de dois contrários, um é sempre uma falta ou privação do outro. Assim, ele acrescenta que a mente, de algum modo, conhece cada um desses por seu contrário: o mal pelo bem e o preto pelo branco. Ora, se nossa mente conhece um contrário por meio do outro, deve fazê-lo movendo-se da potência para o ato, e também recebendo em si a semelhança de um contrário, por exemplo, do branco, e somente depois e em virtude disso, a semelhança do outro, por exemplo, do preto. Mas se existe uma mente que não precisa mover-se de um contrário a outro, ela deve ter a si mesma como seu objeto primário e imediato; e deve conhecer todas as outras coisas ao conhecer a si mesma; e estar sempre em ato e ser inteiramente imaterial — até mesmo em seu ser; e tal é a Mente Divina, segundo o ensinamento do Livro XII da *Metafísica*.

§ 760. Em seguida, em 'Agora, toda enunciação', ele apresenta uma conclusão sobre a segunda atividade da mente: combinar e distinguir. Ele diz que sempre que uma afirmação é feita sobre algo — como quando a mente afirma algo — a afirmação deve ser verdadeira ou falsa. O entendimento como tal, no entanto, não precisa ser verdadeiro ou falso; seu objeto próprio é algo simples e, portanto, em relação a esse objeto, o ato de entender não é nem verdadeiro nem falso. Pois a verdade e a falsidade consistem em certa adequação ou comparação de uma coisa com outra, como quando a mente combina ou distingue; mas não no objeto inteligível tomado em si mesmo.

§ 761. Contudo, embora este último objeto como tal não seja nem verdadeiro nem falso, a mente que o entende é verdadeira na medida em que está conforme com uma realidade entendida. Assim, ele acrescenta que, na medida em que a mente se volta para uma essência, ou seja, entende *o que* algo é, ela é sempre verdadeira; mas não apenas na medida em que relaciona uma coisa a outra.

§ 762. A razão para isso é que, como ele diz, a essência é o que o intelecto primeiro conhece; portanto, assim como a visão é infalível em relação ao seu objeto próprio, também o é o intelecto em relação à essência. Ele não pode, por exemplo, errar quando simplesmente sabe o que é o homem; por outro lado, assim como a visão pode ser enganada quanto ao que está unido ao seu objeto próprio, por exemplo, ao discernir que um objeto branco é um homem, também o intelecto às vezes se desvia ao relacionar um objeto a outro. Mas as substâncias totalmente imateriais entendem de modo correspondente à nossa apreensão humana das essências; de modo que são infalíveis.

§ 763. Mas note que, mesmo ao conhecer essências, o engano pode ocorrer indiretamente, de duas maneiras: (a) na medida em que a definição de uma coisa se torna falsa quando aplicada a outra coisa; por exemplo, a definição de um círculo aplicada a um triângulo; e (b) na medida em que as partes de uma definição não concordam entre si, caso em que a definição é simplesmente falsa; por exemplo, se alguém incluísse 'falta de percepção sensorial' na definição de 'animal'. Disso

decorre que o engano absolutamente não pode ocorrer onde a definição não envolve combinação de partes; nesse caso, ou se entende verdadeiramente ou não se entende nada (veja o Livro IX da *Metafísica*).

§ 764. Finalmente, em 'Conhecimento em ato', ele repete o que disse sobre o intelecto em ato: que o conhecimento atual é uno com seu objeto atual; e que, em uma mesma coisa, o conhecimento potencial precede temporalmente o conhecimento atual; mas isso não é verdade universalmente; pois todas as atualidades derivam de um Ser Atual, conforme explicado acima.

Revision #1

Created 4 October 2026 20:05:54 by Admin

Updated 4 October 2026 20:06:53 by Admin